

Algumas particularidades do conceito de angústia em sua implicação com a concepção de afeto

Abordaremos neste capítulo a angústia, porque acreditamos ser ela a chave para clarear os impasses e as contribuições alcançadas durante todo esse processo. Não cabe a nós, portanto, fazer um tratado sobre este conceito, mas apenas salientar o que nele comporta de implicação para uma reformulação e uma reflexão da concepção de afeto em psicanálise. De fato, nossos objetivos impõem logo de saída limites a nosso trabalho, posto que, sendo impossível um estudo aprofundado do conceito de angústia, nossa exposição resultará superficial, alcançando reduzidas reflexões. Nesse sentido, seguimos seguros em atender às expectativas de apresentar ‘apenas’ algumas considerações. Utilizaremos como método a apresentação do percurso freudiano da construção do conceito de angústia, feita a partir da leitura greeniana, concomitantemente às apreciações de Vieira sobre as questões suscitadas.

De acordo com Green, podemos distinguir três períodos essenciais nas concepções freudianas sobre a angústia. O período compreendido entre 1893 e 1895 marca as reflexões em torno da neurose de angústia e de suas relações com a vida sexual e, conseqüentemente, da relação da angústia com o corpo. O segundo período, correspondente aos anos entre 1909 e 1917, se refere às relações entre a angústia e a libido recalcada. Finalmente, de 1926 a 1932, caracteriza-se o terceiro período, onde serão esmiuçadas as relações da angústia com o aparelho psíquico (GREEN:1973).

Segundo o autor, o primeiro período é composto pelos *Manuscritos B, E, F* e *J* dirigidos à Fliess, os primeiros trabalhos sobre as fobias e, principalmente, pelos artigos sobre a neurose de angústia e na réplica às críticas suscitadas por ele. Nessas primeiras abordagens, a fonte da angústia não deve ser buscada na esfera psíquica, mas na esfera física, especificamente na acumulação de tensão física

sexual. A produção da angústia, portanto, “depende de um mecanismo que comporta transformações quantitativas e qualitativas” (GREEN:1973). Nesse sentido, ultrapassado um determinado limiar, a tensão física sexual não pode transformar-se em afeto por elaboração psíquica.

No campo da “sexualidade normal”, a tensão física sexual, ao alcançar um determinado limiar, põe-se em relação com certos conteúdos ideativos que utilizam a ação específica, permitindo a descarga pela satisfação. Ela possui, dessa forma, um valor de advertência para a libido psíquica, que conduz esta última à experiência de satisfação. Se essa “montagem” sofre certos desajustes, a tensão sexual é transformada em angústia (GREEN:1973).

Green ressalta que o mecanismo em causa, deste modo, não é formado simplesmente por uma acumulação quantitativa de tensão, mas também por uma modificação qualitativa: “em lugar de se transformar ou de se apoiar sobre uma tensão psicosexual, a tensão física sexual se transforma em angústia” (GREEN:1973). Assim, a neurose de angústia é a contrapartida somática da histeria. Entretanto, as diferenças são importantes: o “salto” para o somático, característico da histeria, mantém as capacidades de simbolização do psíquico sexual. O “salto” do físico sexual para o somático, feito pela angústia, não possui mais vínculos com a simbolização (GREEN:1973).

Sendo assim, a causa principal da formação da angústia, para Freud, encontra-se no fato de que “um afeto sexual não pode ser formado, a tensão física não se pode ligar psiquicamente” (GREEN:1973). A angústia então surge como um substituto, somático, da “representação que falta” (GREEN:1973). Encontramos uma inversão das relações existentes no estado normal do coito, posto que neste a via principal da descarga é psicosexual, e a via secundária é somática. É importante destacar aqui a diferença entre a neurose de angústia e a fobia. A substituição de uma idéia por outra é primitiva nesta última, e secundária àquela. Em outras palavras, ainda que alguns conteúdos ideativos possam ser encontrados na neurose de angústia, eles são acréscimos secundários, estranhos ao conteúdo da angústia. Assim, a angústia não se origina de uma idéia recalçada. Green salienta que o seu distúrbio essencial reside na impossibilidade de elaboração psíquica para a excitação somática. “Os sintomas da neurose de angústia são substitutos de uma ação específica (o coito) que deveria seguir normalmente a excitação sexual” (GREEN:1973).

Em suma, esse período é marcado por uma distinção de natureza entre a neurose de angústia, neurose atual e as psiconeuroses, neuroses de transferência da libido psicosexual, com Freud apontando a possibilidade de neuroses mistas. Para Green, essas linhas gerais farão eco nas fases posteriores, principalmente a persistência da impossibilidade de uma elaboração psíquica de uma tensão energética, que se revela na impossibilidade da ligação da angústia com conteúdos representativos.

O segundo período vai se referir à relação da angústia com a libido recalçada, no exame das relações entre o afeto e o representante- representação da pulsão. São destacadas a preocupação do autor com o conflito psíquico, e sua atenção com relação ao destino e a transformação dos afetos. O contexto teórico compreende o caso do *Pequeno Hans*, o artigo sobre *Psicanálise Selvagem*, a *Metapsicologia*, a *XXV Conferência Introdutória sobre a Psicanálise* e *O Homem dos Lobos* (GREEN:1973). É à medida que avança no estudo da sexualidade infantil e no estudo das neuroses, que o autor consolida a importância da angústia em suas relações com o recalque.

A angústia é consequência do recalque. “Embora ela responda a uma aspiração libidinal recalçada, ela não é essa própria aspiração; o recalque é causa de sua transformação em angústia” (GREEN:1973). O recalque é inerente a uma situação de perigo. Freud, então, se dedica a examinar a natureza e a origem do perigo para apreender suas consequências. E, de acordo com Green, a insuficiência da hipótese mecanicista da neurose de angústia leva o autor a utilizar “todos os recursos” da descoberta do perigo de castração. Assim, enquanto a oposição entre a angústia que se manifesta na neurose de angústia e a angústia tal como aparece na fobia marcava o primeiro período, o segundo trará a oposição entre a angústia (diante de um perigo) real e a angústia neurótica. A angústia (diante de um perigo) real é a consequência da interpretação dos sinais de perigo que ameaçam a integridade física do indivíduo, estando à serviço das pulsões de autoconservação. Sob o ângulo da autoconservação, a angústia neurótica aparentemente em nada se justifica (GREEN:1973).

Todo sinal de perigo induz a um estado de alerta, mobilizando capacidades de resposta pelo combate ou pela fuga, de acordo com as circunstâncias. Claro é, então, que tais reações ao perigo são úteis e necessárias, preparando o sujeito para o revide. Entretanto, a angústia por si mesma não tem

nenhuma utilidade. Pelo contrário, ela possui um efeito desorganizador, contrário ao objetivo procurado, perturbando a conduta que deve ser adotada diante do perigo. O despreparo para o perigo favorece a efracção no ego e a quantidade de excitação não dominável (GREEN:1973).

A angústia patológica se manifesta através de dois estados: uma angústia flutuante, na qual qualquer manobra de evitação é impotente devido ao investimento do ego pelo afeto, estando ela pronta a ligar-se a qualquer representação, e uma angústia circunscrita ligada a um perigo, dominada numa certa medida pela evitação da situação angustiante, mecanismo de defesa operado pelo ego. Para Green, a oposição do primeiro período é, dessa forma, mantida. A angústia flutuante é sempre interpretada como uma inibição à descarga, causada por uma vicissitude pulsional ou pela acentuação dos fatores quantitativos adquiridos. A falta de elaboração psíquica e o papel agravante dos fatores quantitativos são suas características. “A conclusão permanece a mesma: o entrave da libido dá origem a processos, todos eles, unicamente de natureza somática” (GREEN:1973). Destaca-se que nas psiconeuroses os sintomas são produzidos para impedir o aparecimento da angústia, e em todos os casos a relação com a simbolização é mantida.

Desse modo, a inibição à descarga pode acarretar um deflexão para o corpo sem elaboração psíquica verdadeira, onde uma contenção ineficaz opera sem produção simbólica corporal ou psíquica. Ou, ainda, a inibição à descarga pode acarretar uma transformação por utilização combinada das vicissitudes pulsionais e de mecanismos de defesa do ego. Na primeira possibilidade, o recalque não participa efetivamente. Na segunda, produções simbólicas corporais ou psíquicas são o resultado do seu trabalho. Aqui, o recalque funciona totalmente em suas funções de contra-investimento e de desinvestimento, podendo operar uma clivagem entre o afeto e o representante- representação. O afeto pode sofrer diversas transformações quantitativas (repressão) ou qualitativas, das quais a angústia é a maior expressão. Green relembra, então, a declaração freudiana de que a transformação do estado afetivo é a parte mais importante do processo de recalque (GREEN:1973).

Além disso, é necessário lembrar a conclusão freudiana de que a angústia infantil quase nada tem de comum com a angústia (ante a um perigo) real. Em contrapartida, ela se aproxima muito da angústia neurótica dos adultos, surgindo,

como esta, de uma libido não empregada (de acordo com Green, uma “libido não afetada”). Green, em sua avaliação sobre este segundo período, aponta que as explicações metapsicológicas apresentadas para a oposição entre as duas formas de angústia são mais satisfatórias. E atenta para o fato de que resta a elucidação de certos pontos quanto à natureza do perigo a temer, posto que não é o mesmo nas diferentes etapas do desenvolvimento. Além disso, ressalta que a teoria da angústia permanece mais econômica do que simbólica.(GREEN:1973)

Chegamos ao terceiro período proposto por Green. Em *Inibição Sintoma e Angústia* (1926), a segunda teoria da angústia irá assinalar uma inversão metapsicológica, possibilitando, em diferenciadas interpretações, reconsiderações sobre o campo do afeto. A primeira das inversões propostas por Freud é a afirmação de que a angústia tem sua sede no ego. Assim, só o ego pode sentir angústia, e a fonte dessa angústia pode ser encontrada tanto no mundo exterior (angústia [ante a um perigo] real), quanto no id (angústia neurótica), e no superego (angústia de consciência) (GREEN:1973).

A segunda inversão também possui um caráter essencial: Não é o recalque que produz angústia, mas a angústia que produz o recalque. A angústia é desencadeada por uma ameaça interna que aciona o recalque. Dessa forma, a angústia possui um papel antecipador diante de uma ameaça. Mais especificamente, a angústia é a evocação pelo ego, em função de uma exigência pulsional nova, de uma situação de perigo antiga. O ego se antecipa à satisfação exigida e julgada perigosa, desinvestindo a sua representação e liberando o desprazer. A angústia é, portanto, o sinal de desprazer, e suscita da parte do ego uma reação passiva ou ativa. No primeiro caso, a angústia se desenvolve e invade o sujeito. No segundo, instalam-se os contra-investimentos, na formação de um sintoma ou de um traço de caráter (GREEN:1973).

Ademais, a utilização de mecanismos de defesa do ego tem a finalidade de ligar psiquicamente o que foi recalcado. A energia da exigência pulsional pode sofrer diversos destinos. Se não for dominada pelas defesas do ego, conservará sua carga e, apesar das defesas, continuará incessantemente a pressionar. Ela também pode ser destruída, a exemplo da dissolução do complexo de Édipo. Em alguns casos, a repressão se instala como conseqüência do conflito e como modo de defesa. O ego em sua relação de conjunção e de disjunção com o id está, por

um lado, sob a dependência deste último, mas por outro, revela-se menos impotente do que parece pois é apto a utilizar o recalque por desencadeamento do sinal de alarme (GREEN:1973).

Freud afirma que a angústia neurótica é causada pelo aparecimento, no psiquismo, de um estado de grande tensão sentida como desprazer, cuja liberação pela descarga é impossível. De acordo com Green, uma reunificação dos diversos aspectos da angústia é tentada aqui. “A angústia de castração provém da ameaça da perda do objeto parcial, o pênis, cujo efeito seria o de tornar impossível qualquer reunião com a mãe; a angústia da perda de objeto provém da ameaça da perda do objeto total. A angústia de castração implica o abandono do gozo do pênis para conservar a integridade narcísica (sacrifício da função para conservar o órgão). A angústia da perda de objeto implica o abandono do desejo para conservar o objeto (sacrifício da autonomia para conservar a mãe)” (GREEN:1973).

Conforme Green, a evolução libidinal sugere que o perigo a que se está exposto não é o mesmo nas diferentes etapas do desenvolvimento. Essa sucessão genética, porém, não relativiza a castração em razão das estruturações posteriores. Assim, o ponto de vista genético não prevalece sobre o ponto de vista estrutural “devido ao colossal investimento narcísico do pênis” (GREEN:1973). No entanto, o objeto da angústia está sempre ligado a um fator traumático (interno) que é impossível superar segundo as normas do princípio de prazer- desprazer. O afeto de angústia permanece, dessa forma, ligado à impossibilidade de liquidação de uma tensão. Declara Green que, desse modo, a dimensão quantitativa permanece inelutável: “o afeto é o resultado de uma quantidade de excitação não ligável, não descarregável” (GREEN:1973).

Os recalques secundários são desencadeados em função da recordação de uma antiga situação de perigo. O recalque originário está sob a dependência das exigências libidinais excessivamente grandes, cuja tensão desorganizadora a criança pequena não pode suportar. A angústia pode ser, portanto, um sinal de alarme, quando referida a um recalque secundário, ou a expressão de uma situação traumática, quando referida ao recalque originário. A esses dois aspectos da angústia correspondem o papel desempenhado pelas instâncias. Na angústia automática- traumática, supõe-se que a angústia é devida a uma manifestação direta do id, invadindo e ultrapassando as possibilidades defensivas

do ego. Dessa forma, o ego apenas pode sofrer a angústia e, como suas possibilidades de resposta estão paralisadas, qualquer elaboração psíquica se traduz por um fracasso completo das defesas. No angústia sinal de alarme, ela é uma manifestação do ego que a utiliza para comandar a realização das operações defensivas contra as pulsões emanadas do id ou seus representantes. Aqui, então, os mecanismos de defesa do ego, por mais imperfeitos que sejam, atestam uma atividade simbólica funcionando sem prejuízo maior, de um modo semelhante ao pensamento (GREEN:1973).

Green emprega o termo “atividade simbólica”, rejeitando o termo “atividade de sinalização” comum à corrente anglo-saxônica. O autor sustenta a sua escolha, declarando não existir uma relação biunívoca entre a angústia e o perigo temido, devido aos diversos aspectos da angústia. Dessa forma, a angústia remete a “uma polissemia da situação perigosa, os perigos temidos remetem-se uns aos outros e formam em conjunto uma rede simbólica” (GREEN:1973). A oposição entre angústia automática e angústia sinal deve, no entanto, ser objeto de uma articulação que possibilite compreender a passagem de uma à outra. Conforme Green, a percepção externa seria, para Freud, o eixo. Em verdade, “Freud destaca a importância da função perceptiva em sua função antecipadora, por oposição à situação em que a criança pode apenas registrar, posteriormente, a ausência da mãe por seus efeitos: a tensão libidinal excessiva desorganizadora” (GREEN:1973).

“Com a experiência de que um objeto externo perceptível é suscetível de pôr fim à situação perigosa que evoca a do nascimento, o conteúdo do perigo se desloca da situação econômica para o que é sua condição determinante: a perda do objeto. A ausência da mãe, de agora em diante, é o perigo em cuja circunstância o lactente dá o sinal de angústia antes mesmo que a situação econômica temida esteja instaurada. Essa transformação tem o valor de um primeiro e importante progresso nas disposições tomadas com vistas a assegurar a autoconservação; implica, ao mesmo tempo, a passagem de uma angústia produzida como manifestação sempre nova, involuntariamente, automaticamente à sua reprodução intencional como sinal de perigo” (FREUD:1926 apud GREEN:1973).

Para Green, essa “externalização” que obriga à criança encontrar “fora” os signos anunciadores de um estado de perigo de “dentro” é, ela própria, um signo que confirma uma transferência de atividade do id para o ego. “Transferência da atividade econômica para uma atividade simbólica que terminará na linguagem” (GREEN:1973). A função antecipadora só se desenvolve sob os efeitos do estado de desamparo, onde não somente a falta de apoio é angustiante, mas também o

caráter desorganizador das tensões libidinais, para as quais não há satisfação possível fora da mãe. Nesse contexto, a ameaça sobrevém às primeiras matrizes de organização do ego, cujas construções precárias mal resistem à invasão libidinal, posto que a tensão erótica associada à insatisfação é duplicada pela tensão agressiva em relação com a frustração. Dessa forma, a perda do objeto provoca dor pela irrupção de uma quantidade não dominável no ego, que gera a angústia de desamparo. A angústia sinal previne a dor e a angústia de desamparo, antecipando a “catástrofe” e determinando ao ego que atue defensivamente (GREEN:1973).

No final da leitura de Green sobre a angústia encontramos várias considerações importantes, que remetem à posição assumida por ele, não apenas durante o exame dos textos freudianos, como também com relação ao exame dos trabalhos pós-freudianos sobre o tema do afeto. E que resultam, na prática, no modelo teórico hipotético desenvolvido pelo autor e nas críticas feitas à Lacan. Segundo Green, o estudo da angústia em Freud evidencia, na relação do afeto com o inconsciente, a coerência desenvolvida pelo autor desde 1895.

“O afeto pode nascer diretamente no id e passa diretamente para o ego aí fazendo efracção à maneira de uma força que quebra a barreira do pára-excitação, e é a angústia automática, não dominada, não reduzida, não encadeada pelo ego, equivalente de uma dor psíquica. Nesse caso, o pré-consciente, os traços mnêmicos verbais são relegados e a palavra é reduzida ao silêncio. Aqui o id fala sua linguagem própria: a do afeto não verbalizado, e o ego está sob o efeito de um aniquilamento que o torna impotente no desamparo. Em outra parte o afeto ativa certas reações do ego que pode filtrar as energias pulsionais provenientes do id e autoriza apenas uma quantidade moderada delas a entrar no ego. Nesse caso, é a angústia sinal de alarme; o afeto passa pelo pré –consciente chega ao ego com seu correlato de representações e traços mnêmicos. Aqui, o ego, lugar da angústia, é também um trabalho sobre o afeto”(GREEN:1973).

De acordo com Green, ainda, na angústia sinal de alarme o encadeamento pode, apelando para todos os recursos da atividade defensiva, abordar com a ajuda das representações e da linguagem, a significação do perigo temido, revivido na experiência de transferência. Dessa forma, tudo se encontra na dependência da organização do ego perante o poder desorganizador do id. Porém o autor sublinha aqui que, num plano mais fundamental, tudo depende de Eros, “da força de ligação que pode, ao nível do id, fazer prevalecer a tendência unificadora das pulsões de vida sobre a tendência desorganizadora das pulsões de destruição” (GREEN:1973). Ele também ressalta que, inversamente, a organização do ego

depende de sua diferenciação do id, isto é, de sua relativa separação. Tal separação depende dos fatores de disjunção, que são um dos aspectos das pulsões de destruição. Ao mesmo tempo, uma tentativa extremamente marcada para a conjunção dissolve a separação entre as instâncias, e ameaça o ego de uma fusão total com o id. Assim como uma tendência extremamente marcada para a disjunção separa totalmente o ego do id, e não permite mais nenhuma apropriação dos fragmentos do id por àquele. Com o acréscimo desse argumento, é coroado o reconhecimento em Freud da manutenção da importância do fator econômico na segunda teoria da angústia (GREEN:1973).

Declarando expressamente o seu desejo de dar ao afeto uma primazia em todos esses processos, Green irá, no entanto, caracterizar a ligação do afeto com a representação como sendo necessária. De acordo com ele, o trabalho do afeto só é possível quando comporta as representações adequadas recalçadas. Do mesmo modo, é pela dominação dos afetos mais desorganizadores que as fixações mais alienantes podem ser superadas, permitindo a busca do desenvolvimento da libido e do ego (GREEN:1973).

Vieira, a propósito de seus objetivos já expostos anteriormente, é capaz de representar o ponto de vista lacaniano sobre a questão. Acreditamos que neste momento é importante apresentarmos algumas de suas considerações, que se destacam ou por expor pontos de vista contraditórios aos que já foram examinados, ou por se constituírem inovações. Faremos isso sem a pretensão de abarcar a teoria lacaniana em qualquer recorte, ou mesmo fazer referências diretas a ela. Assim, para este autor, já nas formulações sobre a angústia da passagem do *Projeto à Interpretação dos Sonhos*, e particularmente nos *Três Ensaio Sobre a Sexualidade*, ela já não é mais concebida como o produto da transformação direta da energia somática, mas como o produto da transformação libidinal. Ressalta o autor que essa substituição terminológica comporta uma verdadeira revolução. Não devemos tomar a libido exclusivamente em seu sentido econômico e quantitativo, nem o modelo energético deve tampouco ser tomado como tradução de uma energia natural. Declara Vieira que, se fizermos isso, estaremos abandonando o quadro da experiência freudiana (VIEIRA:2001).

Desse modo, a libido deixa de ser compreendida simplesmente como transformação energética, e passa a aludir ao que traduz “o encontro do sonho com o desejo no que este aponta o traumático inapreensível do sexual”

(VIEIRA:2001). Além disso, a substituição da energia somática pela libido, como já vimos em Green, enfatizará a idéia de perigo, intimamente ligada ao recalque. Ela alterará profundamente a classificação anterior, pela instauração de um tipo de perigo fundamental: o perigo endógeno, que conduz à segunda teoria da angústia. Segundo Vieira, não há como definir a diferença entre perigo real e perigo endógeno e, além disso, este último, circunscrito pelo significante, “torna-se o único realmente abordável pela psicanálise” (VIEIRA:2001).

A idéia da origem da angústia ligada ao perigo não é nova. A novidade está em, pela introdução do conceito de libido, propiciar uma nova articulação: angústia, libido e perigo. O perigo coloca em série os três gêneros de angústia. E essas articulações instituem novos modos de relação entre sintoma, recalque e angústia, diferentes dos textos metapsicológicos, onde a descarga era um fator discriminante de ordem econômica. A primeira consequência é a mudança nas relações entre representação e energia. A clivagem entre consciente e inconsciente é substituída por fronteiras difusas entre os registros, estabelecendo um novo tipo de relação entre exterior e interior. Este caminho, já apontado desde *O Ego e o Id*, resulta numa ruptura conceitual que se estabelecerá com *Inibição, Sintoma e Angústia*. Freud buscará explicar o afeto a partir das relações entre as diversas instâncias e dos conceitos metapsicológicos. E, mais do que isso, não se interessará mais pelo “*suposto suporte energético*” (VIEIRA:2001) que seria o responsável pela constituição e pela emergência do afeto (VIEIRA:2001).

“Com esta nova concepção, a função da angústia como sinal, indicando uma situação de perigo (...) passou ao primeiro plano; saber de que a angústia é feita perdeu seu interesse”(FREUD:1923 apud VIEIRA:2001).

É com a revolução metapsicológica caracterizada pela introdução da pulsão de morte que a teoria sobre a angústia ganha uma reviravolta, implicando na modificação do campo do afeto. Freud critica o modo de vinculação entre a angústia e o recalque e, de acordo com Vieira (2001), assumidamente constata a inconsistência do fundamento da teoria do sintoma, elaborado nos termos da acumulação energética. Em outras palavras, a angústia não provém de um acúmulo da libido. E, a partir do exame minucioso da angústia e da formação de sintomas nas estruturas clínicas e da retomada do *Pequeno Hans* e do *Homem dos*

Lobos, um novo papel será dado à castração. Sem opor o campo pulsional ao campo das representações, Freud introduz um novo raciocínio. Especificamente, a castração aponta um tipo especial de perigo (VIEIRA:2001).

“A conclusão a que chegamos, portanto, é esta. A angústia é uma reação a uma situação de perigo. Ela é remediada pelo eu que faz algo a fim de evitar essa situação ou para afastar-se dela. Pode-se dizer que se criam sintomas de modo a evitar a geração de angústia. Mas isto não atinge uma profundidade suficiente. Seria mais verdadeiro dizer que se criam sintomas a fim de evitar uma situação de perigo cuja presença foi assinalada pela geração de angústia. Nos casos que examinamos, o perigo em causa foi o de castração ou de algo remontável à castração” (FREUD:1926).

Segundo Vieira, isso significa complexificar as relações de determinação entre o sintoma e suas causas. Freud chega a tais conclusões quando procura saber qual é o perigo que aterroriza Hans. A constatação de que o amor pela mãe não pode ser o responsável pelo recalque, conduz Freud a afirmar a necessidade de uma intervenção externa, “uma ameaça que dará a este amor o caráter de um perigo interno, fazendo o menino modificar sua posição libidinal”(VIEIRA:2001). O poder que tal ameaça externa possui é o de valer-se da angústia previamente existente para tornar este amor proibido e ameaçador. Em verdade, a ameaça de castração transforma este amor em algo proibido por vincular a angústia aos conteúdos deste amor, levando-os, dessa forma, a serem recalcados. Vieira ressalta que, apesar das aparências, é em prejuízo da idéia de um perigo externo originário que a ênfase dada à função da castração como perigo que move os processos inconscientes é colocada. A angústia torna-se tão fundamental quanto a castração, e é , “pelo menos, contemporânea ao recalque” (VIEIRA:2001) ¹.

“A angústia pode ser considerada segundo uma anterioridade lógica e, materialmente, como o elemento que, articulado à castração, alimenta o recalque com a sua energia. (...)Do ponto de vista econômico, a angústia permanece inalterada ao longo da formação do sintoma” (VIEIRA:2001).

O ponto de vista energético é passado para um segundo plano. Segundo Vieira, isso possibilita a Freud extrair todas as conseqüências do fundamento da neurose sobre a castração. É a castração como um perigo que põe em andamento

¹ Numa referência à Espinosa, a ameaça de castração, que o eu experimenta aparentemente como exterior e parecendo afetar o corpo, é compreendida como a incidência de uma determinada relação com o mundo e não como efeito de algum objeto concreto sobre o corpo. É em conseqüência da inserção do sujeito em uma determinada rede de relações que os afetos tomam seu sentido (VIEIRA:2001).

os processos inconscientes. Importa salientar também que Freud recupera o que está marcado em seus primeiros escritos, onde “toda angústia é angústia real, fruto de um perigo que é externo” (VIEIRA:2001). No entanto, tal afirmativa deve ser compreendida em uma relação mais complexa da angústia com o recalque. A angústia, então, se vincula de forma mais direta à coisa sexual, sem que perca a sua dependência da operação recalcante. Ela está, portanto, localizada no registro quantitativo, excessivo, a insistir no universo do recalque e a indicar simultaneamente uma dimensão externa e essencialmente interna (VIEIRA:2001).

“A angústia, tomada a partir de novas relações interior- exterior, passa a referir-se ao elemento que, ao mesmo tempo que emerge do mundo das qualidades, o excede e o desestrutura”(VIEIRA:2001).

Este elemento a quem a angústia se refere é o trauma. Esta é, segundo Vieira, a idéia propriamente psicanalítica do trauma como dado da estrutura. Dessa forma, o trauma não mais se origina do encontro com a sexualidade do adulto. Ele é referido a um tempo mítico, e não ao encontro entre duas entidades distintas. O trauma, portanto, refere-se à ausência de qualquer entidade prévia à constituição do ser. Assim, Freud recusa qualquer possibilidade de ab-reação do trauma, posto que nenhuma ab-reação pode apagar a perda fundamental que é dada na estrutura, já que é esta que constitui o aparelho psíquico. A angústia, assim, se mantém articulada ao perigo, se definida a situação de perigo como aquela que evoca a possibilidade da dissolução miticamente situada em um momento de desamparo fundamental. Conforme Vieira, é por esse motivo que Freud usa o termo sinal para definir a função da angústia (VIEIRA:2001).

A compreensão de sinal ‘do’ ego é aqui referida a um sinal produzido ‘no’ ego, como reprodução do caos que é efeito da castração e que, para Vieira, parece mais condizente com o arcabouço de *Inibição, Sintoma e Angústia*. A partir desse momento, a castração deixa a sua localização histórica e é alçada à categoria de dado de estrutura. Ela é o nome da insistência estrutural da ameaça de dissolução. E tanto ela quanto o perigo são “termos que nomeiam o caos ao qual o afeto de angústia dá a forma de um sinal”(VIEIRA:2001). Portanto, é a grande reviravolta na função de castração que assinala uma ruptura na teoria freudiana do afeto.

“Inicialmente, o fator econômico predominante na conceituação do afeto implicava a identidade energética entre angústia e pulsão. Freud desloca-o agora, como já dissemos, para segundo plano. O fato de que a angústia e a pulsão se aproximam de um ponto de vista energético, não impede que sejam distintas de maneira decisiva no nível metapsicológico. É aí que devemos localizar o corte”(VIEIRA:2001).

A castração é, assim, um operador, que se refere a uma situação menos conjuntural do que uma ameaça, e se estende à formação dos sintomas nas demais neuroses. Com isso, uma nova vertente da teoria é inaugurada, na qual a sua característica de energia transformada perde importância. O afeto é re-criação do trauma fundamental e, sendo assim definido, encontra sua articulação metapsicológica mais eficaz. Para Vieira, nesse ponto, a angústia reúne-se aos demais afetos (VIEIRA:2001).

As duas vertentes da teoria da angústia são só aparentemente excludentes, pois na verdade as formulações iniciais são apenas colocadas em segundo plano. Freud, portanto, não abandona a explicação econômica em proveito da hermenêutica. Pelo contrário, faz-se necessário pensar o afeto a partir de seu lugar em uma estrutura, situando a descarga com relação a este lugar (VIEIRA:2001). Vieira declara ainda que, de acordo com uma perspectiva psicofisiológica, a angústia corresponde a uma descarga. Do ponto de vista estrutural, no entanto, trata-se de um processo de tensão.

“No primeiro caso há excesso energético, processo psicofisiológico de descarga que implica um ‘a mais’ energético, cuja origem se dá no real da pulsão. No segundo caso, trata-se de reação energética, de trauma reproduzido sobre o fundo caótico, vazio de sentido”(VIEIRA:2001).

Logo, o ponto de vista energético se mantém mas, como vimos, é passado para o segundo plano. Dessa forma, o que ‘aparentemente’ está em jogo não é o afeto em seu viés “econômico” – seus matizes qualitativos da vida afetiva e seus graus quantitativos. A questão que ainda permanece, e que não nos é possível responder a partir do recorte que fizemos, é como esse viés econômico é claramente compreendido a partir de um novo viés, o viés “ético”, constituído na articulação entre transferência e trauma².

² No enquadre espinosista, a ética supõe um determinismo muito mais fundamental do que o cartesiano, pois ele se estende à própria escolha. O sujeito escolhe menos, se situarmos a escolha na esfera do livre arbítrio guiado pelo discernimento. Contudo, um outro tipo de liberdade entra em jogo: o sujeito é plenamente responsável por sua capacidade de escolher, sua potência de agir,

Para Green, há uma solidariedade indissociável entre a força e o sentido, posto que só é possível conceber a força como um vetor orientado, dotado de direção e, portanto, de um sentido. E o sentido não se separa de um objetivo para o qual ele se tende e se move, através de uma violência interna que é, conseqüentemente, força. Assim, o autor faz uma distinção, onde no campo da força encontramos o econômico, e no campo do sentido encontramos o simbólico. Mas de acordo com este autor, a força, na medida em que cria uma relação de forças, é simbólica. E o sentido, na medida em que é sempre tomado num conflito de sentido, é econômico. É este o pensamento que guia o autor em suas reflexões. Nessa acepção é que nos propomos a retomar a citação de Green, já colocada em nosso segundo capítulo:

“Poder-se-ia resumir a situação sustentando que o ego está circunscrito entre a angústia de um ‘demais’ e a angústia de um ‘de menos’. A oposição entre o econômico e o simbólico é suscetível de um retorno: a economia é simbólica, o simbólico é economia” (GREEN:1973).

Segundo Green, à categoria do econômico está associada a quantidade, como motor das transformações. E, à categoria do simbólico, liga-se a representação, “alimentada pelas forças vivas do corpo pulsional que implicam a linguagem e o pensamento (...); inversamente, o econômico, se transforma forças, elabora valores” (GREEN:1973). Tais valores são compreendidos não como qualidades superiores, mas como aquilo que é valorizado por ele: evitação do desprazer e busca do prazer, mas também dominação dos afetos (GREEN:1973).

Green, em suas críticas dirigidas a Lacan, declara que estaria pronto a aceitar o essencial da teoria lacaniana – a relação do sujeito com o significante – se “estivesse claramente precisado em que a originalidade do que pode ser subsumido sob o nome de significante em psicanálise não se identifica absolutamente com o significante da linguagem” (GREEN:1973). Para Green, é a estrutura não homogênea do significante que o especifica na psicanálise. E, se Lacan está certo em observar que não existe metalinguagem, a problemática é perguntar-se, e isso Lacan não faz, “de que a linguagem seria o meta e, se não fosse o caso, como a linguagem poderia recobrir a totalidade do campo que Lacan

sua força desejante, que pode ser mais ou menos intensa. As paixões são do sujeito, e o afeto aparece, dessa maneira, ordenado pela ética (VIEIRA:2001).

lhe atribui” (GREEN:1973). Esse é o mote para Green lançar a sua hipótese da heterogeneidade do significante, onde as representações de coisa não se suturam como as representações de palavra, e uma concepção estrutural do afeto o considera como uma variedade de significante, quando aquele se diferencia nitidamente da representação e aparece isoladamente. Mais: o simbólico exerce os seus efeitos também sobre a representação de coisa, e o material desta última intervém na estruturação simbólica. Além disso, o processo de concatenação da linguagem e o processo primário diferem devido justamente aos materiais diferentes que utilizam (GREEN:1973). Portanto,

“ se o inconsciente tem uma linguagem, só pode ser a de um lugar geométrico ideal, foco de diversas expressões dos registros designados como heterogêneos pelos materiais que fazem do significante dos significantes um princípio não idêntico em si mesmo. O discurso do inconsciente, que não é a linguagem, é uma polifonia, sua escrita é uma poligrafia escalonada em várias pautas que dominam a gama de frequências que vão do mais grave ao mais agudo. A tessitura da linguagem é demasiado estreita pra conter sozinha esses diversos registros” (GREEN:1973).

Ainda segundo Green, se é legítimo denunciar a ideologia que se encontra por trás do mito da adaptação, como pudemos observar na psicologia do ego, em referência à teoria lacaniana faz-se necessário procurar a ideologia que “se encolhe por trás da formalização da linguagem” (GREEN:1973). Para o autor, a estrutura simbólica em Lacan toma a linguagem pela pulsão, num modelo “essencial “ e exclusivo, onde a linguagem, “ainda que revele sua falha na demanda” (GREEN:1973), não se afasta de uma essência que o sistema lacaniano lhe atribui.

Para Vieira, Green, além de defender uma visão pluralista do inconsciente, compreende o afeto como a associação da pulsão com a representação pré-verbal. Assim, o afeto é “essa miscelânea que faz da energia, linguagem; e da linguagem, energia” (VIEIRA:1996). E é nesse sentido que o afeto constitui uma protolinguagem, um código afetivo mais antigo sobre o qual se funda o simbólico. Dessa forma, temos a substituição de um *continuum* afetivo por um *continuum* de evolução da linguagem. Ainda, o quadro onde se insere Green o obriga a utilizar as “lentes essencialistas”, onde a dimensão do significante adquire uma consistência que o impede de se aproximar de sua estrutura (VIEIRA:1996).

Para nós, as considerações de ambos os autores tornam visível o abismo que as separam. A conclusão a que chegamos, em uma montagem precária, é a de que o eixo que permite ultrapassar esse abismo encontra-se no exame mais aprofundado das relações implicadas na linguagem ou, mais apropriadamente, das várias concepções de linguagem subjacentes ao campo metapsicológico, e que aparecem imbricadas à noção não menos obscura de simbolização.